

Património imaterial, riqueza de um povo

Longe vão os tempos em que as famílias tinham por hábito ao serão, nas frias e longas noites de inverno, se reunirem à volta da lareira para se protegerem do frio, uma vez que nessa época ainda não havia ar condicionado ou aquecedores que lhes proporcionassem um certo bem-estar, e também porque as habitações não eram então tão confortáveis como hoje são. Isto conferia-lhes uma oportunidade de estarem mais tempo e mais perto uns dos outros, e assim trocaram impressões sobre o quotidiano e tudo aquilo que era a sua vivência no seio da comunidade em que estavam inseridos.

Como não havia rádio nem televisão, as pessoas ocupavam o tempo de outra forma. Isso dava azo a que nesses serões se falasse de tudo um pouco, e assim se colhiam muitos e ricos ensinamentos que iam sendo transmitidos de geração em geração. Mas, se os houvesse, a atenção das pessoas seria por certo desviada para outros assuntos e não haveria as mesmas conversas em família como aquelas que então tinham à volta da fogueira, enquanto os nabos para os porcos se iam cozendo no enorme caldeiro. Aí se recordava o passado, se faziam projetos para o futuro, se contavam histórias ou rezava o terço. As mulheres remendavam a roupa, faziam rolos de trapiça com os restos de roupa velha para posteriormente confeccionar as mantas, ou pegavam na roca e fiavam o linho, ao mesmo tempo que iam tomando parte nessas conversas que se iam desenrolando à sua volta. As crianças em idade escolar aproveitavam para fazer os trabalhos de casa e tirar as dúvidas com os irmãos mais velhos ou com os pais, sendo que, na maior parte dos casos, estes não o podiam fazer por serem iletrados.

É certo que as novas tecnologias, que hoje temos ao alcance dum clique, nos mostram e ensinam como muitas dessas tarefas são feitas, mas não é o mesmo que executá-las com as nossas próprias mãos. Com o envelhecimento da população e a fuga de muitas pessoas para as grandes cidades na procura de melhores condições de vida, deu-se inevitavelmente o declínio e quase desaparecimento da pequena agricultura, o que originou a perda de muitos dos seus usos e costumes que faziam parte do seu *modus vivendi*. Se é verdade que uma parte do património imaterial desta região já se perdeu, outra existe que continua bem viva e que a todo o custo devemos preservar. Do que se perdeu, cito, por exemplo, no aspeto religioso: o cantar das janeiras pelas aldeias, o encomendar as almas na quaresma, o rezar o terço em família, o cantar os reis no dia seis de janeiro e o pedir dos bolinhos – pão por Deus – pelas crianças no dia de todos os santos, junto dos vizinhos da aldeia. E que bonito que isso era!

Hoje não temos o privilégio de ver as crianças correndo e saltando, entusiasmadas e barulhentas ao “assalto das nossas casas”, na mira de encontrar algum vizinho que lhes desse algo mais doce e diferente do tradicional tremçoço.

No aspeto pagão realço o saltar as fogueiras feitas com marcela e rosmaninho na noite de S. João, as cantigas populares, cantadas em grupo ou isoladamente aquando da apanha da azeitona e das descamisadas, e a matança do porco.

Recordo, também, o ritual de cozer o pão e a carga emocional que isso tinha, o moer os cereais em farinha e o fabrico do azeite nos quase extintos moinhos e lagares das nossas aldeias. Quem é que não gostaria de voltar a ouvir o melodioso som das mós a rodar e a farinha a ser expelida, muito branquinha, de entre elas e cair numa caixa aos nossos pés? Quanta poesia há em tudo isto! Relembro, ainda, o fabrico do queijo, da aguardente, o descamisar o milho, o debulhar e o malhar os cereais, o resinar os pinheiros, o fabrico de telha mourisca, o serrar das madeiras nos pinhais, a confeção do calçado, o fabrico de artesanato e brinquedos e tantas outras manifestações de carácter popular que foram caindo no esquecimento. De muitas destas atividades só as pessoas mais velhas se lembram, mas já não as põem em prática nem as transmitem aos seus descendentes porque eles seguiram outros caminhos e deu-se uma grande mudança na vida e nos hábitos das populações.

Também a ida à missa aos domingos, se ainda hoje é um ato religioso muito importante e de grande significado para as gentes desta região, no passado era também uma excelente ocasião para as pessoas se encontrarem e falarem umas com as outras, de modo a enriquecerem ainda mais os seus conhecimentos e técnicas que lhe foram suavizando e melhorando a vida. No entanto, é condição essencial o termos de acompanhar o progresso, porque se os tempos mudam, também mudam as pessoas e os seus usos e costumes.

Mas o património imaterial também todos os dias se renova. Basta atentarmos em tudo aquilo que é feito pela autarquia a nível de festas, feiras, encontros, visitas a locais de interesse público, reuniões, palestras, cursos de formação, concursos, etc., que em muito têm contribuído para que todo este vasto património se mantenha bem vivo e não se perca para sempre. Urge pois, e cada vez mais, promover este tipo de encontros com os cidadãos afim de manter bem viva esta grande riqueza que possuímos dentro de nós e que devemos transmitir aos nossos descendentes.

Assim, as gentes de Vila de Rei possuem a diversos níveis um património imaterial riquíssimo que está presente nas formas de expressão, em todos os rituais, contos e lendas, costumes e tradições, no modo de fazer e estar, na sinceridade, na honestidade, na educação, na forma de relacionamento com as outras pessoas, e também no modo como recebem todos

aqueles que as visitam ou que as abordam sobre qualquer assunto. Dá gosto entrar em qualquer estabelecimento ou repartição e ser sempre recebido com um sorriso de “orelha a orelha” e não como um estranho qualquer que vem invadir a sua propriedade ou privacidade. Toda esta espontaneidade e simplicidade não se deve confundir com ingenuidade, antes pelo contrário. Esta é a maneira afável de ser e estar das pessoas, herdada dos seus antepassados e que se tem preservado ao longo dos tempos, e faz com que todos aqui se sintam sempre em casa e com vontade de voltar outra vez.

Todos os seres humanos têm dentro de si um valioso património imaterial, principalmente os mais idosos, que devido à sua longevidade possuem mais vastos conhecimentos e, portanto, uma maior experiência de vida que os mais novos podem muito bem aproveitar. Será, pois, com eles que todos os dias poderemos aprender mais um pouco, e assim irmos enriquecendo os nossos conhecimentos, de forma a podermos transmiti-los às novas gerações, e assim preservar este rico e valiosíssimo património imaterial que não queremos que se perca, já que ele faz parte da nossa vivência e da nossa identidade cultural.